

O TRABALHADOR

BOLETIM EM LÍNGUA PORTUGUESA EDITADO PELA C. G. T.

Nº 3 — Redacção e Administração: 213, rue Lafayette, Paris — Outubro 1963

A UNIÃO FAZ A FORÇA

por Marcel DUFRICHE

Entre todas as razões que provocam a cólera dos trabalhadores, ha uma que tem a sua origem na opinião emitida pelo primeiro ministro, que foi director do Banco Rothschild, segundo a qual a classe operária francesa consumia demasiado.

Ao ouvir esta argumentação do poder dos grandes Bancos, os trabalhadores comeriam demasiado, comprariam vestuário em demasia, calçado, televisão, máquinas de lavar e automóveis...

Não é de admirar que os ministros gaulistas, habituados à criada cara e ao luxo, ignorem a miséria ainda muito extensa que existe entre as camadas mais infelizes da população francesa.

Não é Champigny, Stains, Ivry, que os grandes burgueses frequentam, mas sim os Champs-Élysées e a Rue Royale.

Assim, o governo gaulista, que é incapaz de vencer as contradições do regime capitalista, calunia os trabalhadores. Ele evita bem fazer alusão aos lucros escandalosos dos grandes sociedades, às despesas loucas dos grandes senhores e das grandes damas, que não hesitam em estragar numa noite o equivalente ao sa-

lário de um trabalhador durante vários anos.

A construção de habitações para o povo está em regressão; ao contrário, a construção de « vilas » à beira-mar regista um aumento muito grande.

Evidentemente a opinião emitida pelo primeiro ministro não é senão um pretexto. O que é verdade é que o governo francês esgota às mãos cheias as riquezas da França para fabricar armas atómicas e é preciso que alguém pague a conta... Este alguém é o povo trabalhador, a quem se prega a austeridade, a quem se pede sacrifícios para assegurar o sucesso do dito plano de estabilização.

Foi sempre assim com o regime capitalista: — os ricos tornam-se cada vez mais ricos, os pobres empobrecem cada vez mais. Mas os trabalhadores não estão dispostos a deixarem-se esmagar. Eles lutam contra a exploração de que são vítimas e esta luta não pode ter fim se não com a desapareição da causa que engendra o próprio regime em si.

(Conclui na 7ª página)

A SEMANA DE 40 HORAS DE TRABALHO

Um dos factores mais importantes para a classe operária francesa seria o da conquista em definitivo da semana de 40 horas de trabalho sem diminuição de salário.

Teóricamente este regime está estabelecido, mas na prática a grande maioria dos trabalhadores são obrigados a um regime igual ou superior a 9 horas por dia, a trabalhar mesmo ao sábado, se querem ganhar o suficiente para fazerem face ao aumento constante do custo de vida, ou se querem manter um nível de vida correspondente ao nível de outros países desenvolvidos.

Os operários que trabalham em França têm um horário muito mais penoso do que os outros países da Europa.

Este horário de trabalho representa para a classe operária prejuízos incalculáveis para a sua vida, para a sua condição de homem da nossa época. Muitos trabalhadores não se dão conta do mal que isto lhes causa. Não pensam, mesmo sequer, no preço da sua própria vida. Uma grande parte deles desejam efectuar horas suplementares e, quando estas não lhes são dadas, enchem-se de preocupações. Estas horas aumentam em muito os seus salários porque são majoradas de 25 %

ou 50 %. Os patrões não regateiam estas majorações porque sabem bem que este preço é o da sujeição do homem como seu escravo.

Depois da guerra as grandes empresas não têm deixado de fazer crescer o seu capital e as pequenas empresas que não estão sujeitas às concorrências dos grandes monopólios têm-se tornado prósperas, enquanto a classe operária está em vias de perder muitas das suas conquistas do após guerra e de se ver atirada para o desemprego.

(Conclui na 4ª página)

NATAL DO PRISIONEIRO

Pede-nos um grupo de senhoras portuguesas, residindo em França, para informarmos os nossos leitores e amigos, que vão levar a efeito uma campanha de solidariedade para com os presos políticos portugueses e suas famílias. E a ocasião que lhes pareceu mais apropriada, por a todos falar ao coração, é a do Natal. E' nessa altura que em França, em Portugal, e em quase todas as nações civilizadas, se festeja o Natal como a verdadeira festa da Família.

Sabendo-se, como todo o mundo sabe, que nas gaiolas prisionais políticas do velho Portugal jazem centenas e centenas de honestos portugueses, homens e mulheres dos melhores filhos do povo, corajosos lutadores por um Portugal que proporcione a seus filhos um viver baseado no trabalho, na decência, na honestidade, na alegria, na liberdade e na paz:

— Que as leis de excepção, decretadas pela máquina policial, com as famigeradas « medidas de segurança », equivale a prisão à vida;

— Que as famílias dessas muitas centenas de presos, representando milhares de pessoas, carecem de auxilio moral e material; este grupo de mulheres portuguesas lança, através do nosso jornal, um sentido apelo à solidariedade de toda a gente de coração, em especial a todos os lusitanos residentes nos estrangeiro, quer seja em França, na Alemanha, na Algéria, na Itália ou em qualquer outro lugar.

O auxilio pedido, que deve ser em dinheiro, enviado por carta registada, ou cheque, pode ser endereçado ao jornal « O Trabalhador », Natal do Prisioneiro, C.G.T., 213, rue Lafayette, Paris.

No próximo número deste jornal se indicarão as importâncias que nos forem enviadas, quer seja com iniciais, pseudónimos ou nomes, segundo o desejo dos amigos que corresponderem a este humanitário apelo.

FESTAS DE PORTUGUESES

Os portugueses estão desenvolvendo uma boa actividade, no que respeita a festas de confraternização. Longe da sua pátria e das coisas que sempre lhes foram familiares, eles encontram, nessas festas, um ambiente em que melhor se sentem e compreendem, melhor se entendem e conhecem.

Pela lingua, pelos modos, por tudo que em tais festas se pode verificar, no que respeita ao reforçamento dos laços de amizade que, longe da terra lusitana,

mais se pode sentir e apreciar, esses encontros festivos merecem uma continuidade que, cremos, é indispensável verificar-se.

Que os portugueses em França, trabalhadores e intelectuais, onde quer que vivam, façam por organizar e assistir a essas festas de confraternização e ambiente lusitano. E que nos escrevam falando dessas festas, desses encontros, dos seus problemas. Serão sempre bem vindas as suas noticias.

SALAZAR LANÇA PORTUGAL NO ISOLAMENTO INTERNACIONAL

A guerra colonial de Angola dura há quase 3 anos e na Guiné os patriotas ocupam já uma importante parcela do território; constantemente a Imprensa internacional relata os combates travados nas duas colónias, em que há sempre mortos e feridos do lado português. Os países independentes da África, dando seguimento às resoluções da Conferência de Adis-Abeba, romperam as relações diplomáticas e comerciais com Portugal, proibiram o acesso dos seus portos e aeroportos aos navios e aviões portugueses, e fizeram expulsar os representantes do governo de Salazar de várias conferências e assembleias internacionais: da Conferência Internacional de Instrução Pública realizada em Genebra, da Conferência Internacional do Turismo, da Comissão Económica para a África e recentemente da Conferência Regional para a África da Organização Mundial de Saúde. Além disso, tanto o Conselho de Segurança como ultimamente a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas condenaram mais uma vez com veemência o colonialismo português e intimaram Portugal a conceder às suas colónias o direito de auto-determinação.

Perante todos estes factos, que traduzem a repulsa de todos os povos pelo governo fascista de Salazar e o isolamento crescente do país nas esferas internacionais, como reage o velho ditador?

Em Agosto, depois de uma larga campanha de propaganda lançada pela imprensa fascista portuguesa, Salazar fez declarações « sensacionais »: Angola e as restantes colónias serão defendidas até à morte e o povo português será consultado sobre a política colonial. A « consulta do povo » organizou-a o ditador no passado dia 27 de Agosto em Lisboa; centenas de camionetas, comboios especiais e até barcos e aviões trouxeram de todos os pontos do país todos os fascistas ou ingénuos que foi possível reunir. Salazar insulta o povo português, despreza-o e oprime-o: não é portanto possível que o povo português esteja com Salazar aprovando a sua criminosa política colonial, que custa ao país rios de dinheiro e em que a Juventude portuguesa é sacrificada aos interesses dos monopólios portugueses e estrangeiros. Salazar sabe-o e sente-o bem: a luta do povo português contra a guerra colonial tem-se ampliado e reveste diversas formas — centenas de deserções, actos de insubordinação e recusa de combater, documentos que circulam no país apelando para os soldados para que se organizem e, em massa, se recusem a partir para as colónias, centenas de inscrições e disticos nas paredes de norte a sul do país reclamando o fim das guerras coloniais e o regresso dos soldados, etc.

Mas não foi para convencer o povo português que Salazar organizou a fantochada do dia 27 de Agosto, no Terreiro do Paço: foi para iludir a opinião pública internacional, fazendo acreditar que o povo português está com ele, aprova a sua política. Mas hoje o ditador já não engana ninguém, nem dentro nem fora do país. É toda a imprensa internacional salientou o carácter falso, demagógico, tipicamente fascista, da « grande manifestação espontânea » de 27 de Agosto.

Salazar cobre o nome de Portugal de lama, desacredita-o, vota-o ao desprezo dos povos civilizados do mundo. Mas Salazar não é Portugal, o povo português não se identifica de modo algum com a camarilha fascista que há 37 anos o oprime. É necessário pois que todos os patriotas portugueses, façam sentir em toda a parte o seu ódio, a sua oposição ao regime fascista de Salazar. Em toda a parte onde possa estar um patriota português, ele deverá tomar posição em favor dos verdadeiros interesses do seu país, nomeadamente exigindo das autoridades fascistas portuguesas que cesse a guerra colonial, que se façam negociações com os representantes autênticos dos povos das colónias portuguesas, e que as tropas expedicionárias regressem a Portugal.

Os trabalhadores portugueses emigrados em França, contra a sua vontade e pela força das circunstâncias, fugidos à fome e à miséria, não podem nem devem ficar parados: a luta do povo português contra o fascismo, a luta dos povos coloniais contra o colonialismo salazarista é também a sua própria luta; por todos os meios ao seu alcance (recolha de assinaturas, envio de protestos à embaixada e ao consulado de Portugal, esclarecimento dos seus camaradas, etc.) eles deverão também dar a sua colaboração na grande luta que culminará com o derubamento do fascismo e do colonialismo salazarista.

Inflação

Ouvimos a notícia da Rádio da Frente Patriótica de Libertação de que certas notas do Banco em curso em Portugal já não são aceites nos Bancos franceses. O comentário da rádio deve pôr-nos em guarda, pôr em guarda todos os portugueses, porque se deve tratar de um agravamento da situação interna de Portugal em virtude da existência do fascismo e do prosseguimento da guerra colonial. Alerta portugueses, Salazar recorre à inflação para fazer face às dificuldades financeiras. Os trabalhadores portugueses não devem comprar escudos. Há notas de 20, 50 e 100 escudos que já não tem curso no estrangeiro.

“Angola é nossa” De quem?

Desde que começou a guerra de Angola que o fascismo apregoa aos quatro ventos que está a combater pela civilização ocidental e por um património que nos legaram os nossos antepassados.

Informações que chegaram até nós permitem-nos hoje dar aos nossos leitores uma lista dos interesses imperialistas em Angola, suficiente para fazermos um juízo da falsidade das afirmações do salazarismo.

DIAMANTES: Corporação Anglo-Americana da África do Sul; Banco Morgan; Grupo Oppenheimer; Grupo De Beers; Grupo Guggenheim; T. F. Ryan; Formière; União Mineira do Alto Catanga; Banco do Trust Barantia; Sociedade Geral da Bélgica.

PETROLEO: Companhia Financeira Belga de Petróleos (Petrofina); Banco Nacional Chase; National City Bank (Nova Iorque); Companhia Cabinda Gulf Oil.

TRANSPORTES: Corporação Anglo-Americana da África do Sul; Banco Westminster; Comp. Britânica da África do Sul; Irmãos Cooper; Companhia de Carvão de Angola; Organização Tanganica.

AZEITE DE PALMA: Soc. Anónima Agrícola e Industrial La Luinha.

ALUMINIO: Péchiney (accionista do Alumínio Português).

BAUXITE: Billiton Maatschappij.
PESCARIAS: Soc. Expansão Comercial (accionista da Comp. Baía Farta).

MICA: Standard Oil; Comércio Bancário; Banco Belga de África.

CAFE: Banco Rellet (accionista da Comp. Agrícola do Cazembo, da Comp. Agrícola de Angola e da C.A.D.A.).

AÇUCAR: Barton Mayhewand Cº (accionista da Soc. Agrícola Cassequel).

ALGODAO: Soc. Geral da Bélgica (representada pela Comp. Geral dos Algodões); Banco Belga da África; Comp. Algodoeira Congoleza; Soc. Agrícola e Industrial La Luinha.

OBRAS HIDRAULICAS: Corporação Hidrotécnica, Nova Iorque.

PROSPECÇÃO DE MINAS: E. J. Longyear Cº; Remina; Bethlehem Steel; Carbide.

Segundo o jornal de Joanesburgo « The Star », de 5 de Maio de 1962, o mais recente monopólio em Angola é o de Alfredo Krupp, associado a Hoejgaard e à Soc. de Empreitadas de Trabalho Hidráulico, de Lisboa e Luanda. A sociedade vai investir mais de 40 milhões de « rands » na exploração de minas de ferro, manganês, volfrâmio, ouro, tório. A companhia compromete-se a proporcionar o material necessário para as minas de ferro de Cas-singa e a construir ramais de caminho de ferro. Segundo as declarações do portavoz da Krupp, « ANGOLA E A MAIOR FONTE DE RIQUEZA DA AFRICA DEPOIS DO CONGO. »

Quem quiser que tire as conclusões necessárias sobre a verdade das declarações dos fascistas.

AS MANIFESTAÇÕES DO "ESTADO NOVO"

Anunciaram as agências e a imprensa reaccionária de Portugal a « grande » manifestação levada a cabo em Lisboa a propósito da luta colonial de libertação.

Pretendem Salazar e seus apaniguados fazer acreditar que o povo português se sente ligado à causa da opressão dos povos coloniais, fazer acreditar que o povo português está com o mais odioso dos ditadores. Este método poderia enganar os incautos, mas não serve nem ilude a grande massa da população que nestes últi-

mos 37 anos tem conhecido bem as consequências do domínio fascista e anti-patriótico do seu governo.

E verdade que uma imensa quantidade de portugueses se reuniu no Terreiro do Paço face à tribuna do abominável decrépito. Mas é muito fácil ter-se uma audiência de milhares de pessoas quando os métodos de mobilização dos indivíduos são paralelos aos métodos de governação.

Presentes voluntariamente estariam apenas aqueles que se empenharam em armar toda a fantochada; todos aqueles que são a minoria interessada em

defender os seus largos interesses ou a própria pele. A grande maioria não estava com Salazar; a grande maioria estará um dia presente voluntariamente para o expulsar. O fim de semelhantes personagens esta bem marcado pelos acontecimentos de nossos dias.

Sabe-se que milhares de funcionários das repartições públicas que estão contra o fascismo estiveram presentes; sabe-se que milhares de operários das fábricas que lutam contra o regime estiveram presentes; milhares de camponeses, de pescadores que não querem o hediondo ditador estiveram no Terreiro do Paço; professores e alunos que têm tomado consciência do que representa para o país a presença fascista foram forçados a estarem presentes.

Transportes gratuitos, jornadas de trabalho pagas, mobilizações forçadas para um espectáculo destinado a convencer o mundo já convencido do contrário.

O regime está já demasiadamente desacreditado para que estes espectáculos possam determinar qualquer simpatia ou fazer operar qualquer mudança em seu favor.

Não estão muito longe as datas das grandes manifestações voluntárias do povo português, de dezenas de milhares trabalhadores portugueses, que participaram nas candidaturas de um Norton de Matos ou de um General Delgado. Estas, sim, foram manifestações voluntárias e exprimiram a vontade do povo português, espontaneamente, sem qualquer coação. São estas manifestações que têm valor.

O resto, o que se passou na manifestação do Terreiro do Paço foi a expressão degradante da vida de um povo sob uma ditadura de 37 anos, a expressão de uma miséria sem limites de um país que he afunda sob a pressão da clique mais reaccionária que tem estado ao seu leme.

Os testemunhos trazidos por quem viveu esses momentos de chegada e partida dessa gente portuguesa arrebanhada em todos os cantos do país choca profundamente tudo quanto há de vivo e humano. O regresso foi triste e desolador. Camionetas de carga, apinhadas de gente simples, mal trajada, mal alimentada, mais parecendo regressar de uma catástrofe do que de um passeio à cidade capital do país.

O homem « grande » não pode finalmente senão prometer-lhes luto e mais miséria. Não pode aliviar-lhes os sentimentos de inferioridade social de que estavam possuídos. Todos devem ter partido convencidos de que enquanto a sua querida pátria estiver subordinada aos designios de tais governantes eles continuarão cada vez mais pobres. Salazar foi e continuará a ser inimigo N.º 1 do povo português.

Contra o desemprego em Portugal POR UM CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO

Actualmente, terminadas as ceifas, por todo o Alentejo se alarga o desemprego. Os operários agrícolas têm que continuar a luta por outras formas: as concentrações, as exposições, as marchas da fome. Só uma larga unidade de acção de todos os trabalhadores, só a sua decisão e combatividade, lhes darão novas vitórias.

Em muitos pontos do Alentejo, os operários agrícolas discutem uma exposição a enviar ao ministro das Corporações, e onde são apresentadas as suas reivindicações fundamentais.

- Garantia de trabalho por meio dum Contrato Colectivo de Trabalho;
- Salário mínimo de 35 \$ para os homens e 20 \$ para as mulheres;
- Jornada de 8 horas de trabalho;
- Direito ao abono de família e assistência médica.

E necessário levar esta exposição ao conhecimento de todos os operários agrícolas, fazê-la assinar por muitos milhares de trabalhadores, promover reuniões para discutir estas reivindicações e para levar a luta económica dos operários agrícolas alentejanos a uma etapa superior.

Nota. — Quando pensamos que em Portugal se pode pedir, nesta época, 35 escudos como salário mínimo para os operários agrícolas do campo e 20 escudos para as mulheres sentimos uma sensação de repugnância e de revolta contra os que se consideram donos de Portugal.

Lembramos que 20 escudos representam em França o salário de uma hora de uma mulher a dias e 35 escudos o salário de 1 hora de um operário da metalurgia.

Se a vida é cara em França em Portugal ela é insuportável para os trabalhadores, que vivem subalimentados, eternamente endividados.

SOLIDARIEDADE PARA COM A LUTA EM PORTUGAL :

F - Ivry : 40,50 F.

Lot-et-Garonne : 40,00 F.

Recebeu-se a seguinte emportância, com destino a prisioneiros políticos :

Mme A.G. : 110,50 F.

A PENNA DE MORTE EM PORTUGAL

Na sua onda criminosa, Salazar não hesita para poder sobreviver. Mais uma lei que a todos portugueses repugna. Mas quando o fim se aproxima os criminosos não hesitam, no seu extertor de morte. Proclamam a morte para os outros.

E' uma lei do fascismo que Portugal não poderá aceitar senão para punir os culpados que têm assassinado o povo português. Quanto ao resto a pena de morte será repudiada.

COMEMORAÇÃO DO 5 DE OUTUBRO

No dia 6 de Outubro teve lugar num grande restaurante de Paris um almoço de confraternização democrática. Estiveram presentes perto de 2 centenas de pessoas. Este almoço foi presidido pelos democratas, Professor Dr. Manuel Valadares, D. Maria Lamas e professor Emídio Guerreiro.

Foi mais uma manifestação de fé nos destinos da democracia em Portugal, realizada sob a bandeira da UNIDADE para derrubar Salazar.

Preparamo-nos para festejar o aniversário do 31 de Janeiro.

Trabalhadores Portugueses

Em Portugal, os trabalhadores não têm liberdade sindical. Não podem, portanto, defender os seus direitos como trabalhadores. Todos os operários em França devem aderir às organizações sindicais que sabem defender os interesses de todos os que estão sujeitos à exploração capitalista.

A C.G.T. é a maior central sindical em França e ela agrupa à sua volta o maior número de trabalhadores. Isto não é por acaso. A luta perseverante da C.G.T., as suas vitórias, o interesse e o carinho pela luta da classe operária impõe este organismo como um baluarte em defesa de uma causa que é a causa de todos os explorados.

A unidade da classe operária dentro dos sindicatos é a condição necessária para o triunfo dos trabalhadores nas suas lutas reivindicativas.

A C.G.T. tem dado exemplos de luta na defesa dos interesses dos trabalha-

A SEMANA DE 40 HORAS DE TRABALHO

(Conclusão da 1ª página)

Além da longa jornada de trabalho é preciso considerar que os operários dispõem em média mais de uma hora nos transportes o que lhes faz elevar a mais de 11 horas em média o tempo que se encontram ausentes de suas casas.

Em geral o operário mal tem tempo de chegar, tomar a refeição e preparar-se para se deitar, a pensar que muito cedo deve levantar-se para de novo retomar o trabalho. Perpetuamente cansado, este operário sente alívio apenas quando pensa que se aproximam as datas de férias e que poderá então repousar um pouco. São bem justas as 4 semanas de repouso para todo o operariado.

Cada operário que trabalha em tais condições, quando se levanta sente uma enorme sensação de cansaço. Somente o ritmo imposto pela obrigação diária do rendimento o acicam para a realização das suas tarefas.

Dentro em pouco os jovens serão velhos, o ritmo da vida na oficina envelhece-os depressa; o desgaste, nestas condições, é uma coisa horrível para a humanidade. Não há dinheiro que o possa compensar.

Em França, mais do que em qualquer outro país, as empresas se agarram à idade do indivíduo para as condições de admissão. Com a idade de 50 anos é muito difícil ser-se admitido na maior

parte das grandes empresas. Os patrões conhecem bem o desgaste que causam aos homens com o ritmo que lhes impõem. A sede do lucro leva-os ao desinteresse dos problemas humanos. E um homem que passa dos 50 anos, mesmo efectuando o mesmo rendimento, sofre para os patrões uma desvalorização.

Pelas exigências da concorrência aos mercados do mundo capitalista, a criação do mercado comum e o desenvolvimento dos meios técnicos de produção etc.; a França, ou melhor, o capitalismo francês recorre à mão de obra estrangeira numa escala extraordinária. Esta mão de obra é procurada em todos os países menos desenvolvidos ou sub-desenvolvidos para melhor sujeição dessa mão de obra aos seus designios.

Com a procura desta mão de obra estrangeira, com a manutenção de uma semana de trabalho superior a 40 horas, o capitalismo tem por fim engendrar a concorrência entre os operários e, deste modo, baratear os salários. Basta criar uma situação onde a oferta da mão de obra seja superior ao da procura, em suma, uma situação de desemprego, em França, para que os capitalistas franceses tenham atingido o seu objectivo.

Por outro lado, o patronato sabe, os governantes representantes deste patro-

nato sabem que é na medida em que submetem a classe operária a um trabalho intenso com uma duração da jornada superior a oito horas e, por consequência, com uma semana muito superior às 40 horas, que esta classe operária fica mais ou menos manietada, ligada somente às obrigações do trabalho e subtraída, numa grande parte, à faculdade de pensar nos problemas da sua existência, nos problemas da luta de classes, nos problemas de interesse colectivo. Uma grande parte dos operários ficam inibidos de se associarem, de conviverem, de discutirem, de se cultivarem. Eles ficam isolados, na maior escala, dos verdadeiros problemas da vida do trabalhador para serem peças que o capital maneja à sua bela vontade.

Viver para trabalhar, criar e fazer acumular capitais em proveito de uma classe priverligiada, eis a que fica reduzido o operário que tem de submeter-se a tais condições de trabalho.

Pode uma situação desta interessar à grande massa dos trabalhadores? Vale a pena uma existência de eterna escravidão nesta época em que o mundo caminha a passos de gigante para a libertação do homem das cadeias da exploração individual?

A humanidade pode somente ser defendida, pode somente ter uma existência verdadeiramente humana na medida em que possa libertar-se da dura permanência na fábrica, na oficina, no escritório, no campo. As longas jornadas de sujeição do indivíduo aos interesses privados representam maiores jornadas no caminho da libertação, mais tempo para a conquista de uma vida social a que os trabalhadores têm direito.

Eis porque consideramos que a luta principal deve, portanto, encaminhar-se para a diminuição do horário de trabalho, sem diminuição de salário. Esta luta conduzirá à revalorização do indivíduo; triunfante, evitará o desemprego, evitará a concorrência, a concorrência da mão de obra, aproximará os indivíduos, revigorá-los-á e encaminhá-los-á no verda deiro sentido da vida.

Avante pela semana de 40 horas sem diminuição de salário.

« A VOZ DA LIBERDADE », EMISSORA DA FRENTE PATRIOTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

Emite todos os Sábados a partir da meia noite e um quarto, em ondas médias na banda dos 320 metros, e em ondas curtas na banda dos 25 metros.

Todos os trabalhadores têm interesse em ouvir estas emissões porque elas dizem a verdade sobre Portugal e sobre a situação em que se encontra o trabalhador português, enquanto o fascismo domina a sua pátria.

Esta emissora pode muito bem vir a ser a voz de um forte MOVIMENTO DEMOCRÁTICO PARA A LIBERTAÇÃO DE PORTUGAL que reuna todas as tendências DEMOCRATICAS defensoras dos interesses de PORTUGAL e dos seus trabalhadores.

RADIO PORTUGAL LIVRE transmite diariamente das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45 em 32 metros e das 0,30 às 0,50 em 36,40 e 43 metros.

COLONIALISMO PORTUGUÊS

Muitas vezes ouvimos falar da não existência de racismo da parte dos colonialistas portugueses. É bastante evidente que isto se afirma para justificar a presença da dominação portuguesa em África.

Falámos com um operário português recentemente chegado de Lourenço Marques e quisemos saber como eram as relações entre operários negros e

brancos na empresa onde trabalhava.

Ele então explicou-nos que embora existisse um certo afastamento, as relações entre trabalhadores não eram más, mas podiam ser muito boas se pela parte dos patrões não se verificasse um absoluto desprezo pelos trabalhadores de cor.

Então explica-nos : « Na fábrica de Machava, fábrica de vidros da União

Portuguesa de Cervejas Estrela, enquanto um operário branco ganha 200 escudos por dia (34,00 F). O preto ganha apenas, fazendo o mesmo trabalho, 17 % desta importância ou sejam 34 escudos (6,00 F.) »

« Os rapazes pequenos de cor estão sujeitos ainda a uma exploração mais bárbara porque apenas lhes pagam 4 escudos por dia (0,65 F). O espectáculo é muito degradante porque não tendo dinheiro para se poderem vestir, trabalham rotos, esfarrapados e custam-nos a convivência com estes farrapos humanos. E' triste dizê-lo, mas é a realidade. »

« Da alimentação nem vale a pena falar porque nós mesmo nem compreendemos como estes seres humanos se podem manter de pé com forças para trabalhar durante as 8 horas fatigantes do trabalho vidreiro. »

« Enquanto os brancos, na fábrica, têm água potável para beber, chegada em garrafões, os indígenas são obrigados a beber da água canalizada imprópria para consumo, quente e destinada aos serviços de fabricação. Se um chefe branco observa que um preto bebe da água potável destinada aos brancos, agredide-o brutalmente. A água boa para consumo é « tabu » para os pretos. »

« Como operário e como homem venho consternado com o que vi fazer aos pretos e desolado com a vida de miséria desta gente e com os métodos inconcebíveis de exploração colonial por parte dos patrões portugueses. »

« Em MACHAVA não há água para beber. Os indígenas aproveitam, nas estações de Caminho de ferro, as águas impróprias das máquinas, que lhes serve para beber e cozinhar. Chegam pretos e pretas de distâncias de 30 quilómetros para procurar este líquido precioso. Há gente desta que não possui um tostão durante dias e dias e que no entanto tem de comprar as latas servidas de gorduras que os comerciantes lhes vendem a bom preço. »

Não precisamos de fazer comentários. E' desta forma que Salazar quer manter a sua presença portuguesa em África, e proclama : Aqui é Portugal!

Mas Portugal não pode continuar a ser um país de escravizadores e de escravos. Portugal tem de ser um país de gente digna dos países civilizados.

Mensagens de saudação

O comité para a Defesa das Liberdades em Portugal, em nome dos Democratas reunidos em Paris para comemorarem a data gloriosa de 5 de Outubro de 1910 saudam o povo português testemunhando-lhe, ao mesmo tempo, o seu afecto e a sua solidariedade. Nós, democratas portugueses, longe da pátria, por razões estranhas ao seu progresso, temos confiança em vós e na vossa possibilidade para a libertação e esperamos, dentro em pouco, estarmos convosco na frente de combate.

**

A frente patriótica de libertação nacional. O Comité para a Defesa das Liberdades em Portugal em nome dos democratas reunidos em Paris para comemorarem o grande acontecimento de 5 de Outubro de 1910 saudam a Frente Patriótica de Libertação Nacional e todas as organizações antifascistas portuguesas

expressando os mais ardentes desejos numa preciosa colaboração de UNIDADE para a libertação de Portugal do jugo fascista.

**

Aos presos políticos portugueses. O Comité para a Defesa das Liberdades em Portugal em nome dos democratas portugueses reunidos em Paris num almoço de confraternização democrática para comemorar a grande revolução popular de 5 de Outubro de 1910 não pode deixar de saudar-vos, queridos camaradas, expressando-vos a nossa solidariedade e o nosso carinho.

Esperamos poder, embora longe da pátria, colaborar na obra da vossa libertação que será a libertação do nosso querido povo. As mais fraternais saudações, queridos amigos. Não vos esquecemos. Nós não esquecemos Portugal.

A unidade da classe operária é o factor principal do seu triunfo.
A luta de classes não conhece fronteiras.
O interesse de todos os trabalhadores é um factor comum.
E' na unidade e decisão que reside a imensa força do proletariado.

PROPOSTA DE ADERENTE A' C.G.T.

Prenome :

Nome :

Endereço :

Profissão :

Empresa e Local de Trabalho :

CARTA DE LISBOA

Queridos amigos redactores
de « O Trabalhador » Paris

Não podem imaginar, queridos amigos, o prazer que senti ao ler os números 1 e 2 do jornal « O Trabalhador ». Bem hajam por esta iniciativa de se publicar um jornal para a grande massa de trabalhadores que fogem do nosso querido país para essa França onde ainda existem uns restos de LIBERDADE e DEMOCRACIA.

E' pena que não se possa fazer uma larga difusão desse jornal no nosso país para incentivo daqueles que por cá vão ficando privados de todos os direitos, privados de tudo que os possa esclarecer. Eu felicito, daqui, todos os operários portugueses que têm ainda aí possibilidades de reforçar a sua consciência sobre os ideais de LIBERDADE e faço apelo a todos eles, a todos aqueles que conhecem as amarguras as vicissitudes porque tem passado o nosso povo para não esquecerem os laços de solidariedade que nos unem.

Sou um velho operário, um velho

lutador, cuja aspiração, a mais alta aspiração, é a de ver o meu país livre, o meu país em plena prosperidade, caminhando ao lado de todos os países civilizados. Quase 40 anos de lutas e de canseiras. Caminho para velho, mas não estou vencido. Faço confiança nas novas gerações e quero acompanhá-las. Eis porque vos escrevo e vos afirmo que Portugal conta convosco ao lado dos que desejam aqui entrar no mais curto prazo de tempo no combate pela Libertação da nossa pátria.

Portugal está descontente, os trabalhadores estão descontentes, o povo está descontente. Não temos atinado com o caminho que nos conduza à vitória, mas penso que poderemos, na base deste descontentamento, forjar o exército que nos conduza a ela. Esta crise de direcção acabará breve e nós saberemos encontrar a unidade indispensável para ter no nosso país um regime onde os trabalhadores possam encontrar melhor bem-estar. As minhas melhores felicitações. As felicitações dos trabalhadores que por aqui mourejam.

A obra da libertação do nosso país

não pode já repousar sobre as esperanças dos velhos homens que nos têm anunciado, nestes 40 anos de sacrificios, um amanhã que não chegou e nunca poderia chegar pelos seus métodos. A classe operária foge do país desiludida, por falta de perspectivas, como se um fatalismo histórico pesasse sobre nós como um massa irremovível.

Mas não, esta classe operária, os trabalhadores, deve procurar esse amanhã, objectivamente, porque nós temos condições para vencer, nós temos condições para varrer da nossa terra toda a corja de patifes que a têm submergido. Nós devemos conquistar a liberdade, como a conquistam os franceses e demais povos, para trabalhar na nossa pátria e pela nossa pátria unidos com todos os povos do mundo para a defesa da paz e da humanidade.

Contamos com a vossa ajuda, trabalhadores portugueses no estrangeiro. Contamos, em breve, com o vosso regresso, triunfantes.

As melhores saudações Democráticas.

V.

NOTÍCIAS DA GUINÉ « PORTUGUESA »

Segundo um comunicado do P.A.I.G., 46 soldados portugueses foram mortos no decurso de um combate entre os seus « comandos » e o exército expedicionário lusitano, na região de Mansode.

No dia seguinte, a Força Aérea Portuguesa bombardeou a cidade de Mansode, como represália, incendiando várias casas. Foram abatidos 3 aviões, que foram depois levados para Dakar, onde têm estado expostos.

A guerra de libertação dos povos coloniais será sempre uma guerra triunfante. Mas Salazar, que parece totalmente alheio ao que tem ido e vai pelo mundo, especialmente nas últimas décadas, prossegue na sua política criminosa, fazendo assassinar

os filhos dos outros, o torturado povo português.

Mas no fundo de toda esta tragédia está germinando a organização, dentro de uma unidade de todas as forças democráticas portuguesas, que aplicará o golpe final no criminoso fascismo português. Esta guerra impopular é paga com o dinheiro dos trabalhadores, com o seu trabalho, com o seu sangue. O papel dos trabalhadores portugueses é o de recusar-se a combater contra os povos coloniais e o de exigir dos governantes fascistas o direito da sua auto-determinação.

Os trabalhadores portugueses não podem ser livres enquanto forem governados por homens que queiram continuar a escravizar os outros povos.

PERMANÊNCIAS DA C.G.T.

No intuito de prestar quanta ajuda for possível aos trabalhadores portugueses em França, a C.G.T. está estudando a possibilidade de abrir permanências, onde quer que a concentração de operários lusitanos seja numerosa e venha a justificar a criação dessas secções de informação.

Assim, prevê-se para breve a abertura de algumas dessas permanências, entre as quais uma na Bolsa do Trabalho.

Nestes melhoramentos dos nossos serviços em prol dos emigrantes portugueses, pensa-se em estender a al-

gumas terras da província, onde vivam e trabalhem portugueses em número que possam justificar, essas permanências. Nelas, em dias e horas que oportunamente serão indicados, operários portugueses da C.G.T. estarão ao dispor de quantos os solicitem para prestar, gratuitamente, os esclarecimentos que lhes forem pedidos, relacionados com os problemas de trabalho, documentação, securité social, etc.

Logo que as permanências, forem sendo instaladas, daremos noticia da sua localização, horas de abertura e encerramento.

HOMENAGEM

a D. MARIA LAMAS

Para comemorar o septuagésimo aniversário de D. Maria Lamas um grupo de portugueses promoveu, no passado dia 13, uma festa de homenagem a esta brilhante escritora e grande mulher portuguesa. Foram operários portugueses que tiveram esta grande iniciativa, que foi, até hoje, das melhores manifestações da gente portuguesa em França.

Estiveram presentes mais de 400 portugueses nesta bem digna festa de homenagem.

Falaram em nome dos operários 2 operários portugueses e o Dr. Antonio J. Saraiva, que salientaram as qualidades morais e altruistas desta senhora pondo em relevo a sua acção de mulher, de mãe e de democrata, a sua luta pela paz e pela democracia, na defesa dos interesses da sua pátria e de toda a influência exercida pela sua obra na mulher portuguesa.

A homenageada tomou depois a palavra para agradecer muito comovidamente e afirmar o seu contentamento e o prazer que lhe foi dado neste convívio fraternal com a massa operária a quem ela adora com todo o carinho. Afirmou o seu desejo de luta pela libertação do seu país e a sua confiança no povo português para mudar os destinos da sua pátria.

A UNIÃO FAZ A FORÇA

(Conclusão da 1ª página)

Os trabalhadores lutam, e a greve dos ferroviários de 23 de Outubro dá-nos disso uma bela demonstração. Outros movimentos se desenvolverão num futuro próximo no sector público, mas na indústria privada a batalha reivindicativa está na ordem do dia.

Os operários da metalurgia, da construção civil, da indústria textil, etc., estão tão descontentes como os seus camaradas ferroviários, mineiros ou funcionários; a subida constante do custo de vida fustiga indistintamente todas as categorias dos trabalhadores, e o poder de compra dos assalariados diminui incessantemente.

Os trabalhadores emigrados, como todos os outros, mais ainda que os outros, suportam o peso desta carestia da vida e a soma que eles podem enviar às suas famílias diminui de mês para mês.

Não há outro meio do que a união e a acção da massa dos trabalhadores para impedir o espezinhamento cada vez mais agudo do capital sobre os que trabalham. A auto-defesa individual é uma isca: — sózinho em presença do patrão o operário não pode lutar com armas iguais. Pelo contrário, o conjunto dos trabalhadores franceses e emigrados pode constrianger o patronato a recuar, pode conseguir vitórias substanciais, pode melhorar a sua condição de vida. A união é o meio mais eficaz para que a acção indispensável atinja o seu objectivo.

A resignação, prègada pelos sacerdotes, a colaboração capital-trabalho propagada pelos patrões, de que de Gaulle queria fazer a base da sua política social, tudo isso são slogans tão velhos como o mundo capitalista, e que não têm tido outros resultados, em todos os tempos, que não seja o de desarmar a classe operária.

Kermesse Franco-Portuguesa Convite a todos os trabalhadores

No próximo dia 24 de Novembro tem lugar na sede do Secours Populaire Français uma Kermesse franco-portuguesa para solidariedade ao povo português.

Nesta kermesse estarão à venda produtos de origem portuguesa; haverá cantos e dansas populares portuguesas e dansar-se-á até às 20 horas. Agradece-se a colaboração de todos os amigos portugueses que queiram tomar parte nesta festa folclórica. Se algum português amigo quiser apresentar-se para participar em danças, tais como o fandango, o vira do Minho ou da Nazaré, a comissão ficará muito grata por essa participação.

Os amigos que possuírem instrumentos de música serão também muito bem vindos.

Contudo, gostaríamos de receber, antecipadamente, na sede do Secours Populaire Français, 9, rue Froissard, Paris-3ª, a notícia da sua adesão.

As entradas são gratuitas. Metro: St.-Sebastien-Froissard.

Os trabalhadores emigrados, portugueses, espanhóis, italianos e argelinos, gregos e turcos, têm o maior interesse em integrar-se totalmente na luta da classe operária francesa. Eles fazem-no, aliás, e eles devem sentir-se honrados com isso, porque precisamente o fim prosseguido com o recurso à emigração massiva é também o de lançar os trabalhadores uns contra os outros.

A C.G.T. não faz distinções entre os trabalhadores, qualquer que seja a sua nacionalidade. Ela defende-os a todos por-

que não há senão um único inimigo da classe: a burguesia. E' reforçando as fileiras da C.G.T. é trazendo para as suas fileiras todos os dias novos proletários, que cada um de entre nós defende com segurança as suas reivindicações.

Na véspera do renovamento das cartas sindicais para o ano da 1964, os trabalhadores portugueses sabreão reflectir nesta velha máxima, sempre verdadeira e actual:

A UNIAO FAZ A FORÇA.

Marcel DUFRICHE.

CORRESPONDÊNCIA

De S.-Tropez recebemos uma carta de um amigo português pedindo-nos uma informação sobre o fornecimento de passaporte aos portugueses que entram clandestinamente em França.

Informamos este amigo, e os amigos nestas condições, que devem em primeiro lugar regularizar a sua situação do ponto de vista legal de estadia em território Francês por intermédio da prefeitura de policia fazendo intervir, se fôr necessário, a organização das NAÇÕES UNIDAS (O.N.U.) e U.N.E.S.C.O.

No fim de terem obtido um documento de séjour (um documento que lhes permita residir em França temporariamente) procuram legalizar a situação do ponto de vista de trabalho.

Depois disto vão aos respectivos consulados e exigem deles os respectivos passaportes visto terem uma situação devidamente legal em França. Nesta situação devem reclamar insistentemente o passaporte a que têm direito todos os cidadãos.

● De Champigny escreve-nos o trabalhador N. pedindo informações sobre alojamentos, possibilidade de os encontrar, e como poder fazer os papeis para outros seus próximos, que devem chegar.

Sobre alojamentos, o problema é de tal maneira difícil que nada podemos indicar sob este aspecto.

Os papeis para os trabalhadores há sempre possibilidades de os adquirir desde que se encontrem patrões que declarem empregá-los.

● Ao nosso amigo de Rueil que quer inscrever-se na C.G.T. aconselhamos a preencher um boletim do «O Trabalhador» e a remetê-lo à nossa sede 213, rue La Fayette, acompanhado, por exemplo, de 10 novos francos. A C.G.T. envia-lhe a carta com os selos da cotisação e devolve-lhe qualquer importância que possa sobrar. Faremos a recomendação de não enviarem envelopes com remetente.

● Villejuif. — Recebemos a sua carta sobre a possibilidade de frequentar um curso de francês. O vosso interesse diz-nos que estes cursos devem merecer todo o nosso carinho. Villejuif tem muitos por-

tugueses. Vamos estudar a possibilidade de montar um curso nessa vila e por-nos-emos em contacto com o prezado amigo. Aguarde com paciência e conte connosco.

● Antony. — Pede-nos um amigo aqui residente com a família para o informarem como proceder no caso de ter de fazer regressar a família a Portugal por virtude de possuir sómente um passaporte colectivo.

Nós pensamos que, neste caso, se impõe que o amigo se faça inscrever no consulado de Portugal, Avenida Kleber, em frente da saída do metro Kleber, e depois pedir um passaporte para a família que deve regressar a Portugal. Eles são ali obrigados a passar-lho logo que se faça inscrever com a família.

● Châtillon. — Se o amigo é assegurado social, isto é, se tem a sua carta de assegurado devidamente em ordem e, desde que o acidente tenha sido declarado conforme prescreve a lei, o amigo tem direito a todas as indemnizações da Sécurité e naturalmente outras indemnizações correspondentes à incapacidade de trabalho acidente. Mas como o amigo não nos fornece elementos para nos podermos pronunciar, queira dizer-nos em que condições se deu o acidente e como agiram perante a Sécurité Sociale.

Estamos à sua disposição para lhe dar os esclarecimentos necessários.

Nota. — Temos em nosso poder muita correspondência de amigos que nos escrevem de vários cantos da França. Infelizmente, muita desta correspondência já perdeu a oportunidade por virtude de se terem passado três meses sem lhe darmos resposta. Pedimos muita desculpa, aos nossos leitores e amigos por este facto, mas no período de férias era impossível dar seguimento ao expediente por falta de pessoal relacionado com estes problemas.

Continuaremos a receber de todos os leitores, com muito prazer, as suas prezadas notícias, sugestões, consultas e mesmo artigos para o jornal se estes se relacionarem com os objectivos de um jornal sindical para os trabalhadores.

A todos, as nossas melhores saudações e os nossos agradecimentos.

Uma « nodóia » portuguesa no coração de Paris

Recebeu-se na redacção deste jornal uma carta com o pedido de publicação. Porque o assunto de que trata é bastante sério publicamo-la a seguir. Esperamos que isso venha a servir a causa de milhares e milhares de operários portugueses que se vêm na necessidade indispensável de utilizar os serviços do seu consulado de Paris e que, como nos diz este correspondente, tão mal recebidos e atendidos são, por vezes. Segue a carta :

Jornal « O Trabalhador »,
213, rue Lafayette, Paris.

Prezados amigos,

Permitam o tratamento familiar. Mas eu pertenço à classe operária, desde que me conheço. E se bem que seja ainda jovem, já sei quanto dói, na própria carne, a vida dura dos trabalhadores. Sou de um país em que o operário não tem qualquer defesa ou protecção. Em Portu-

gal não há sindicatos livres. O que há é uma mascarada de sindicatos, chamados « sindicatos nacionais ». Como a vida, lá em baixo, é muito difícil, há uns quantos meses resolvi vir trabalhar para França. Vim para Paris. A vida aqui é muito dura, é bem verdade. O trabalho é pesado. Mas nós, ao menos, temos uma compensação, com o que se ganha. Quando falo assim estou pensando na comparação do que um trabalhador ganha aqui e no que ganha lá.

Mas o principal desta carta é chamar a atenção para a vergonha do que se passa no consulado do meu país, em Paris. Fui lá, há cerca de três meses, para fazer a minha inscrição, como português que me prezo ser. Tinha necessidade de mandar para a família uma procuração, mas antes era preciso estar inscrito no consulado.

Não sou político, muito embora não goste de ditaduras. O que me trouxe para França foi procurar melhorar a minha vida económica. Lá, mesmo trabalhando dez e mais horas por dia, vivia com as maiores dificuldades, bem como a minha família, dois filhos e a mulher. Aqui, tive necessidade de ir ao consulado do meu país, pelo que disse. Perdi um dia de trabalho, para lá ir. Antes das nove horas já eu estava lá. Fiquei muito mal impressionado quando ali cheguei. E' que, num consulado de qualquer país, eu, que nada percebo destas coisas, acho que é uma vergonha, uma afronta ao brio patriótico, haver policia da nação em que se está, a « guardar » as pessoas que, quando entram nessas casas (consulados) acreditam estar pisando uma parcela do que é seu, do que é da sua nação!

Fui tratado como parte do « rebanho » bem guardado pela policia francesa. A minha vez só chegou às tantas da tarde. Bem sei que éramos muitas dezenas de portugueses e aumentavam mais a cada momento. Mas também sei que os funcionários dessa repartição portuguesa são mais que insuficiente para o elevadíssimo número de emigrantes e outros portugueses que lá vão por necessidade de regularizar assuntos que sómente ali podem ser regularizados. Sobrecarregados com tanto trabalho, esses funcionários acabam normalmente por se enervar e tratar os seus compatriotas como escravos, ou pior ainda... Disse, como devia, o que ia ali fazer Pediram-me o passaporte, e que voltasse lá daí a um mês. Que antes disso não podia ser, por falta de pessoal e ainda porque tinha aumentado imenso o número dos portugueses que chegavam a Paris, embora os empregados fossem os mesmos. Ao fim de um mês, lá estava outra vez. Perdi mais um dia de trabalho. As coisas passaram-se mais ou menos como da primeira vez, com os mesmos aborrecimentos, as mesmas esperas, com a policia « na perna » dos portugueses que lá estavam.

Fui recebido rudemente. Demoraram um roer de tempo à procura do meu passaporte. E por fim disseram-me que ainda não tinham podido tratar disso, que voltasse daí a dois meses! Lá disse, como pude, os meus protestos, mas nada feito. Tinha que voltar daí a dois meses! Quando chegou o dia de la ir, mais outra vez, arribei dos primeiros. Depois da « bicha » me permitir chegar ao « guichet », outra senhora que me atendeu levou-se uma imensidade de tempo até que desse com os documentos. E enquanto procurava, barafustou sempre, tornando-se, por vezes, duma malcriadez condenável. Disse-me que não se tinha podido fazer ainda a inscrição, que não havia pessoal para tanto serviço. Protestei, disse que era uma coisa muito mal feita, que já tinha perdido três jornas de trabalho, para lá ir, e que não era justo o que me estavam fazendo. Em resposta ela disse que, se quisesse, que deixasse lá o passaporte e voltasse daí a um mês, que não podia ser antes. E que se não quisesse, que o levasse. E foi o que fiz, não sem antes ter dito coisas que podiam ser taxadas de inconvenientes, de permeio com os meus protestos.

Esta situação é intolerável. Não podemos admitir que isto aconteça num consulado com um movimento sempre crescente de imigrantes com necessidade de regularizarem a sua situação.

Se os funcionários do consulado são insuficientes, pois que aumentem esse número de forma a que possam ser tratados com um mínimo de decência e de tempo os assuntos relacionados com os portugueses de Paris, na maior parte operários, que aqui ganham penosamente a sua vida e para os quais a perda de dias de trabalho representa grande sacrificio.

Todos os documentos que se mandam passar no Consulado de Portugal têm de ser pagos pelos interessados, o que lhes deve dar um certo direito sobre o que carecem daquela repartição portuguesa.

Agradecendo a publicação desta carta, espero, com ela, levantar o protesto de todos os meus compatriotas para que se ponha fim a tão grandes anomalias mesmo fora da nossa pátria.

Muito gratio :

Um emigrante.

AMEAÇAS E TERRORISMO

Chegam-nos notícias de Portugal do aparecimento de uma organização terrorista denominada « Os centuriões ».

Agentes da PIDE (policia politica portuguesa) foram este conjunto terrorista e são os seus fundadores e activistas. Aqui estão incluídos tudo quanto há de pior na humanidade. As figuras mais abomináveis do fascismo, os seres mais desclassificados e mais baixos na escala da humanidade. Eles regressam da guerra de Angola, como outros regressaram da Indo-China ou da Argélia com sêde de sangue e de vingança.

Eles espalham a ameaça e a morte. Eles querem continuar e intimidam os democratas por meio de cartas dizendo-se assassinos em Africa e dispondo-se a continuar a prosseguir a sua obra de criminosos nas pessoas dos democratas portugueses mais destacados.

Os trabalhadores devem estar vigilantes e ajudar a desmascarar este bando de criminosos. Onde quer que os pressintamos devemos denunciá-los para que recebam o castigo que devem merecer esta espécie de gente.

**

Agentes da PIDE e por consequência Inimigos do povo.

Chegam-nos confirmações das actividades como agentes da PIDE, na Marinha Grande, do Industrial e ex-director do colégio da Marinha Grande, SOBRAL, eo casal de fotografos Fernando Severo e Mulher.

O povo da Marinha Grande está em guarda contra estes bandidos, mas nós aconselhamos as correcções necessárias a inimigos do povo desta espécie.

11, Rue de Metz
Imprimerie
DEF 02-60
La
Cootypographie

Gérant : René Blaise.

Prix : 0,50 F